

# O ESPECTRO

*Admonet in somnis et turbida terret imago.*

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 17 DE JANEIRO.

A causa popular triunfa, e triunfa pela sua moderação. A côrte desesperada brama como o tigre porque vê fugir-lhe a preza que julgava segura nas suas cruentas garras.

Clamámos sempre á realza que fosse racional porque hia nisso o interesse della: disse-mos á rainha — « não mattes o teu escravo; que depois morres de fome. » Não o entendeu assim, mandou-nos fuzilar, atormentou os nossos prisioneiros, considerou os homens como materia exploravel, como cifras que deviam entrar no seu orçamento de egoismo e ambição. A vaidade d'um marido nescio, ao orgulho d'um valido estulto sacrificou um povo inteiro, ateou uma guerra civil, juncou a terra de cadaveres, semeou os germes da prostituição e da miseria; que são esses os resultados inevitaveis da contenda em que se acha empenhado o paiz.

E não obstante isso a tyrannia não durou senão até o dia em que se tornou assás oppressora para crear uma necessidade geral de resistencia; cahiu diante da solidariedade necessaria dos diversos elementos sociaes.

A côrte lamenta um facto que nós commemoramos com orgulho. E lamenta-o com razão, porque é o annuncio da sua morte. Esse facto é natural, é civilizador, é altamente moral, é um documento das nossas virtudes.

O paiz inteiro era victima de uma facção immoral, d'uma camarilha corrupta, e esse paiz estava dividido em bandos. O ministerio folgava com esta divisão, ria-se della, promovia-a. Aqui proclamava-se a junta do Porto, alli o proscripto d'Italia. Só a rainha não tinha adherentes: o seu poder acabava aonde acabava o dinheiro do thesouro!

Quando os miguelistas nos guerreavam, a côrte applaudia, e a rainha assignava decretos para sermos fuzilados por defendermos a sua corôa, por acclamarmos a carta. Saldanha estendia a mão aos miguelistas, mandava-lhes dizer no seu boletim de Coimbra *duas palavras* de paz, e os liberaes eram os unicos inimigos que o governo da sr.ª D. Maria reconhecia.

Não cabiam tantos bandos no paiz, e o povo

alinhou-se logo em liberaes e absolutistas — liberaes os do Porto, absolutistas os de Lisboa.

A junta do Porto arvorava o estandarte da paz, da liberdade e da concordia: o ministerio desenrolava a bandeira do exterminio.

Os miguelistas proclamavam um principio caduco, levantavam um pendão desconhecido, ao qual se oppõe as tendencias da época, as luzes do século, os progressos da civilização.

Para que uma causa triunfe é necessario que esteja arreigada no coração do homem, que desperte o entusiasmo e os brios da mocidade, que falle ao sentimento e á virtude das massas, que assegure a subsistencia do proprietario e do capitalista sem o vexame do proletario e do industrial, que eleve o povo ás grandes acções, que lhe inspire o conhecimento da sua propria dignidade, e o faça assim concorrer para a felicidade commum.

E a causa de D. Miguel é a do passado que não volta — a da liberdade é a causa de Deos. O futuro é nosso, pertence-nos — pertence á mocidade, a essas esperanças da patria, que sabem conciliar as lidas de Minerva com as de Marte — a essa mocidade que sabe que os conhecimentos humanos tendem sempre para a liberdade, e que os talentos do despotismo são os da parabolha do evangelho (que o servo mau foi esconder debaixo da terra.

Vêde como a mocidade academica milita debaixo das nossas bandeiras!

Vêde a nobresa proscripta!

Vêde o povo todo a correr ás armas em nosso favor!

E não advertis como se unem agora estes elementos outr'ora rivaes?

A nossa aristocracia está toda da parte do povo! A côrte da rainha é hoje uma côrte de rotos, ou é um deserto!

Esse commandante em chefe anda por ali, e ninguem lhe tira o chapéo. Até o Saldanha prendeu gente por este facto! As acclamações com que victoriámos os nossos bons reis converteram-se n'um desdenhoso desprezo.

Mas a côrte esperava tirar partido das nossas divisões, e enganou-se.

Os dous partidos que guerreavam o ministerio uniram-se.

2  
O ministerio estontou com a noticia, e ei-lo ahi furioso a lançar mão d'uma taboa para se salvar, e essa taboa a fugir-lhe. Ora faz uma cortezia aos miguelistas, e a nós cobre-nos de baldões; ora dirige-nos a nós um comprimeto, concede-nos um logar entre os liberaes, e cospe injurias sobre os miguelistas; ora na exaltação do seu delirio nos confunde e nos fulmina os mesmos raios.

E nós vemos impassiveis barafustar o monstro. E' a agonia, é o transe da morte.

Unimo-nos sim, porque a perseguição do governo, porque os seus maleficios eram communs a ambos.

Unimo-nos porque em Torres Vedras saquearam as nossas casas, desfloraram as nossas donzellas, violaram nossas mulheres, degolaram os innocentes. E em Braga fizeram o mesmo ás nossas, e ás de nossos irmãos; que são irmãos todos os portuguezes qualquer que seja a sua crença.

E a nós nunca nos lançarão em rosto esse crime.

Ainda não se viu em Portugal vandalismo semelhante. O saque e a deshonra estavam reservados para este governo!

Se estes flagicios pesavam sobre nós todos porque não nos haviamos de reunir todos para esmagarmos os oppressores? Pois haviamos de estar de braços cruzados a deixar fuzilar nossos irmãos para esperarmos pela nossa vez? E houve governo tão estúpido que o esperasse?

A união é a defeza das nossas vidas e da nossa honra contra quem no-las ataca.

Se os miguelistas houvessem violado vossas mulheres e vossas filhas, como vós violastes as nossas e as delles; se tivessem saqueado as vossas casas como vós saqueastes as nossas e as delles, a união comnosco seria impossivel.

Se os miguelistas acclamassem D. Miguel ainda essa união seria impossivel.

A reunião importa a não acclamação daquelle principe — a união importa o reconhecimento da junta do supremo governo do reino.

*Não se tracta da questão dynastica*, e d'aqui tira o *Diario* uma serie de consequencias contra o throno da rainha.

Não é desse facto d'onde se deve derivar o perigo para o throno. — *A coroa da rainha está jogada*, diz o *Diario*. Está! Já nós o dissemos ha muito, já o disse o *Journal des Debats* órgão de Luiz Felipe, mas esse perigo nasceu com a emboscada de 6 de Outubro — foi ahi que a rainha jogou a coroa lançando á nação a luva que o povo levantou.

O throno está vago, a rainha abdicou no momento em que suspendeu a carta, em que se declarou absoluta. E' nos licito escolher rei. Neste duello de morte ou ha de cair um throno ou a liberdade d'um povo.

A junta do Porto, nobre e generosa como a

causa que defende, soltou os seus presioneiros de guerra, e mandou-os para o seio das suas familias — a junta do Porto triunfa sem deshonra para os vencedores e para os vencidos. Porque não publica o *Diario* esta acção de extremado cavalheirismo?

Em quanto o ministerio esmaga o povo com tributos, a junta do Porto allivia delles o paiz. As grandes providencias são o nosso exercito.

D. Miguel cahiu execrado, assim cahirá a sobrinha com esses vis estrangeiros que querem dominar a nossa terra.

A união de todos os bons portuguezes é um facto grande e portentoso. A corda já recua — o *programma real* parece já ter esquecido, e o o redactor do *Diario* recebeu insinuações para attribuir ao governo esse programma que S. M. até agora *havia formulado e o governo acceito*.

Foi sempre este o costume dos fracos — arrogantes na prosperidade são uns miseraveis na desgraça.

Não somos nós quem tem a culpa de se afundar esse throno que alevantámos. Saudades d'elle não as temos, e se chorassemos, seria o sangue que por elle derramámos. Deixamo-lo entregue aos Manoeis de Portugal, aos Farinhos, aos Souzas Azevedos, aos Trigueiros, e a todos esses que mostraram outr'ora que a princeza do Grã Pará, filha d'um imperador estrangeiro não podia ser rainha de Portugal.

Mandou-nos fuzilar a nós que a acclamavamos, defenda-se com os que lhe disputaram a corda. O *Espectro* não descancará na sua sepultura, nem verá a face de Deos em quanto não baquear a tyrannia; que lhe foi imposto o preceito de annunciar aos reis e aos povos os decretos da Providencia.



O cabralismo envergonha-se de si mesmo — os que o defendem procuram outro escudo, repellem uma bandeira suja, uma bandeira que foi a da rapina.

Fallamos com um documento na mão, é o boletim do Casal escripto em Braga a 25 de Dezembro, poucos dias antes daquelle assassino fugir daquelle cidade para se ir esconder na praça de Valença. Diz esse boletim:

« A soberana não quer chamar os Cabraes aos seus conselhos, porque estes homens fizeram « erros, e erros de que a nação se sentirá lar- « gos annos. . . »

E logo depois:

« A divisão do barão do Casal faz honra ao « exercito portuguez, porque ella só nutre em « seu peito amor á soberana, e ardentes dese- « jos de sustentar até á ultima gotta de sangue « as prerogativas da corda sem que o mais leve « pensamento se fixe nesses homens *Cabraes* a « quem elles votam um inteiro esquecimento. »

Que é isto senão a justificação do movimento de Maio ultimo? Que é isto senão a justificação da resistencia á emboscada de 6 de Outubro?

O Casal é traidor a todos—é-o a nós a quem hostilizou depois de lhe havermos dado o poder que humildemente nos pediu—é-o aos Cabraes a quem renega, votando-os ao esquecimento e exprobrando-lhes os seus erros, que elle está defendendo! Amaldiçoado por todos lá se vai esconder nas covas do lobo e nas pternas de Gaviarra que o commissario paizano lhe abriu pela traição d'um governador!

Casal maldiz os Cabraes, e a rainha nomea os seus representantes nas côrtes estrangeiras!

Em quem havemos de acreditar — no ministerio que se diz cabralista, no *Diario* que defende essa administração que commetteu tantos erros, na rainha que não se esquece do seu compadre, e que dá do nosso pão grande fatia ao afilhado, ou no Casal que vota inteiro esquecimento áquelles a quem todos os outros votam as mais saudosas lembranças?

E teem razão. Saldanha (o perito) com toda a sua pericia perdeu duas batalhas em 1837 para restaurar a carta, e só pôde fazer obra por ella depois que os Cabraes a restauraram. Agora deve-lhes votar esquecimento em paga dos serviços prestados!

Ora nós entendemos que esses senhores não devem desprezar-se assim mutuamente. Pôdem ligar-se porquetanta honra e vergonha tem uns como os outros. E o *Diario* deve publicar estes famosos boletins.



Lê-se na *Estrella do Norte* o seguinte:

« Consta por algumas cartas de Braga que o Casal na vespóra da sua marcha mandára intimar o exm.º arcebispo primaz para com elle se retirar para Valença, mas que o venerando prelado se escondera; e que logo que elle marchou, partira para a sua casa junto de Coimbra, na margem esquerda do Mondego.

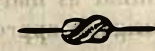
A junta provisoria do supremo governo do reino mandou honçem um official com vinte cavallos ao encontro de S. ex.ª, mas parece que seguira a estrada de Carvoeiro. »



O *Diario* alludio á falta de segurança que existe no Porto, e nós respondemos publicando a seguinte portaria. Desejamos que nos dissessem quando é que o governo de Lisboa praticou um acto de tanta moralidade. Ei-lo-ahi:

« Repartição dos negocios do reino. — A junta provisoria do governo supremo do reino, não devendo em caso algum tolerar, que seja violada a segurança individual dos cidadãos quaesquer que sejam as suas opiniões politic<sup>as</sup> em

quanto que com sua propalação não prejudicam a causa nacional, porque ainda neste caso só aos tribunaes compete conhecer legalmente de qualquer acontecimento criminoso: manda em nome da nação e da rainha pela repartição dos negocios do reino que o governador civil do Porto dê todas as providencias e tome as medidas, que julgar mais acertadas, para que o socego e tranquillidade publica não possa de modo algum ser alterado. Repartição dos negocios do reino 29 de Dezembro de 1846. — Antonio Luiz de Seabra. — Para o governador civil do Porto. »



Lê-se no *Nacional* do Porto de 30 de Dezembro:

« Consta-nos que o ministro inglez em Lisboa dirigira uma nota ao governo da rainha, protestando contra o decreto dos fusilamentos, como um insulto que é, feito á humanidade, e á civilização.

No entanto, se o decreto se não tem cumprido tal qual está escripto, o que se tem feito é mais atroz e infame do que isso, porque fuzila-se, sem nem ao menos um simulacro de conselho de guerra. Que o diga Constantim, Villarandelo, Braga, onde, quem foi apanhado foi no mesmo momento fuzilado e saqueado. E' uma guerra de vandalos. Por isso é que a justiça divina ha de castigar os auctores de tão iniquos e atrozes attentados. »

« Do centro da provincia do Minho muitos chefes teem offerecido a coadjuvação de immensas guerrilhas para hostilizar as forças do assassino Casal. »



### PARTE OFFICIAL.

Illm.º e exm.º sr.— Tenho a honra de participar a V. ex.ª que depois do triste successo do dia 24 do corrente, não por minha culpa, porque tendo dado as minhas ordens do ataque, tocaram a retirar, e quando quiz accudir não pude, e mesmo pela pouca força que tinha, mas logo protestei vingança, e marchando a Meda logo dei as providencias para reunir forças populares, e no dia 26 vim pernóitar ao Freixo de Numão, aonde o 1.º batalhão movel da Guarda se me reuniu, depois de ter feito uma grande marcha debaixo d'agua.

Pelas 4 horas da manhã de hontem me puz em marcha para esta villa, e a um quarto de legua distante esperei as forças do Marçal em numero de 350 homens, formados em cordão com suas reservas, tendo 150 caçadores; cheguei a distancia delles cousa de 50 passos, formei a minha linha com as competentes reserva

e vendo que elles obliquavam sobre a direita, ordenei o ataque, ordenando ao major do 1.º batalhão movel da Guarda, Antonio Menino de Deos Botelho, dirigisse a nossa esquerda, o que fez com todo o acerto e bravura, em quanto eu os flanqueava pela direita, o que foi tão rapidamente, que em menos de hora e meia foram totalmente derrotados, a ponto de não poderem passar a Traz-os-Montes 100 homens, e mais foram alguns mortos, prisioneiros 24, e os mais extraviados, e da nossa parte apenas morto um nacional de cavallo por desastre: hoje mandei esquadrinhar as margens do Douro a fim de ver se consigo a apprehensão de mais algum extraviado.

Não tenho a elogiar individuo algum em particular, porque a bravura dos populares que tiveram a fortuna de se achar na acção foi inexplicavel, e foram o 1.º batalhão nacional movel da Guarda, commaudado pelo seu digno coronel graduado, Adrião Xavier Freire, a força da Meda, pelo meu alferes ajudante, a José Maria Firmo, que formava a direita da linha, a de Villa Nova de Foscôa, pelo bravo Manoel Jacintho Pires, a de Celorico e Alverca, pelo sargento Cruz, a de Trovões, pelo escrivão Henriques da Costa Pinto, a de Villa Flor, pelo Jacob, e a da Pesqueira, pelo doutor José Ferreira. Todas estas forças faziam o numero de 390 populares, incluindo neste numero a força de Cedovim.

É tambem para elogiar, e não posso deixar de o fazer, a bravura e denodo dos administradores dos concelhos desta villa, e do da Meda, Joaquim de Campos Henriques, e João Albino de Frias Pimentel, assim como o filho d'aquelle, José Antonio de Campos, e sobrinho, Adriano de Campos Henriques, e o meu secretario Balthasar de Oliveira Andrade, e o reve-

rendo Aurelio Joaquim Saraiva, assim como todas as pessoas desta villa e fóra della, dos nossos sentimentos.

Os rebeldes durante a sua estada praticaram toda a sorte de roubo, excesso e devastação, maxime nas casas de alguns mais compromettidos, por seguirem ossentimentos da nobre causa em que nos achamos empenhados.

Tambem cahiram em nosso poder cavalgadas, arreios e mais despojos dos rebeldes, e bem assim a propria cavalgadura do famigerado e perverso Marçal.

Deos guarde a V. exc.º — Quartel em Villa Nova de Foscôa 28 de Dezembro de 1846. — Illm.º e exm.º sr. Francisco de Paula Lobo de Avila — Antonio de Gouveia Cabral, coronel graduado.

Illm.º e exm.º sr. — Tive a honra no dia 28 de levar ao conhecimento de V. ex.ª o detalhe da acção que dei aos rebeldes no dia 27 do corrente, e como não me foi possível da-la exacta pela precipitação da sua factura, cumpre-me agora fazê-lo, dando a saber a V. ex.ª, que: prisioneiros foram vinte e nove, que hoje remetti para a cidade da Guarda, sendo a maior parte caçadores, e um sargento de 12 de infantaria, mortos 8, afogados no Douro não posso dizer o numero, por isso que vilançar ao rio muitos, e delle não sahirem. Hoje tive uma participação de Moncorvo (onde tenciono ir pernoitar amanhã) de que para esta villa tinham vindo 150 caçadores, e 100 populares, assim como que no dia da acção só recolheram áquella villa (Moncorvo) menos de 100 homens d'uns e outros. — Deos guarde a V. ex.ª Quartel em Foscôa 30 de Dezembro de 1846. — Illm.º e exm.º sr. Francisco de Paula Lobo d'Avila. — Antonio de Gouveia Cabral, tenente coronel graduado.